

Contamos o tempo desde que Luís Krus nos deixou. Faz agora sete anos. Sete anos de saudades para quem teve o privilégio de ser seu amigo, e de partilhar com ele entusiasmos intelectuais e afectos humanos. Sete anos em que o seu nome foi começando a perder os seus traços pessoais e a tornar-se, para quem não o conheceu em vida, uma referência erudita ou uma interrogação sem resposta imediata. Sem ele, o medievalismo português continua a desenvolver-se, apesar das dificuldades com que hoje tem de lutar, em ambiente mais competitivo e mais formal do que no seu tempo. Neste contexto, o Instituto de Estudos Medievais (IEM), por ele fundado, e que, de alguma maneira, o prolonga, continua vivo e com projectos promissores apesar de sujeitos a formalismos incómodos. O IEM ocupa um lugar sólido no panorama da investigação portuguesa na área das humanidades. Mas, no dia-a-dia, fazem-nos falta a humanidade, a paciência, o sentido da oportunidade, a capacidade de persuasão, a sabedoria conciliatória do seu fundador. O melhor fruto da sua memória, porém, é não desistir de trilhar o seu caminho. Com a passagem do tempo, esta memória tornar-se-á fatalmente mais difusa, e, se não for cultivada, menos produtiva. Precisa, pois de ser cultivada.

Por isso não posso deixar de apoiar a ideia de organizar uma exposição com alguns livros mais significativos do espólio que a sua família teve a generosidade de oferecer à biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). Os livros que escolheu, que o ajudaram a escrever os seus textos, a dar as suas aulas, a compreender as interrogações da época e da sociedade que procurou explicar põem-nos em contacto com a sua personalidade. Por meio dos seus livros está de novo connosco. Os seus livros revelam algumas das facetas da sua personalidade, das temáticas que estudava com mais afinco ou das fontes artísticas que o inspiravam. Ao mesmo tempo, são-nos oferecidos como alimento das nossas próprias interrogações. Luís Krus oferece-os sem restrições, como um dom gratuito, a quem quiser servir-se deles para investigar a época que atraiu a sua curiosidade e a sua paixão. São a expressão material da generosidade com que distribuía o seu saber sem impor nada a ninguém.

José Mattoso
Junho de 2012